

Ágora

NÚMERO 22

sábado, 12 julho 2014

JORNAL-LABORATÓRIO
DO CURSO DE CIÊNCIAS
DA COMUNICAÇÃO / JORNALISMO
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DA MAIA



GRANDE REPORTAGEM

PITÕES DAS JÚNIAS

ECOMUSEU EM CINCO POLOS
PÁG. 3

SABORES DO BARROSO
PÁG. 6 E 7

LIBERDADE HÁ 40 ANOS
CENTRAIS

ARTESÃO FALA DO BUREL
PÁG. 12

ARTISTAS HOLANDESES NO SOPÉ DA SERRA
PÁG. 13

“HÁ UM PAÍS POR EXPLORAR”
- EDIL DE MONTALEGRE EM ENTREVISTA PÁG. 14

linha curva

PERFUME COM UM BRILHOZINHO NOS OLHOS

Luís Humberto Marcos

Pitões das Júnias, ponto cardinal para descobertas. Do clima, da orografia, dos costumes, das paisagens, dos cantares. Das gentes serranas, sobretudo. Em pleno Gerês, Pitões das Júnias tornou-se durante três dias a aldeia mais explorada por um grupo de jovens. Com um propósito bem definido: descobrir as suas particularidades. Para trás tinham ficado semanas de preparação. Com livros, internet, contactos, marcação de entrevistas, trabalho de grupo. O resultado da experiência está nestas páginas. Trata-se de uma grande reportagem experimental que nos mostra a importância do jornalismo e do seu género maior. Descobrir para contar tem sido um desafio de séculos. Foi o que fizeram dezenas de jovens, com um brilha-ozinho nos olhos chamado jornalismo. Trabalharam para o jornal em papel e também para o Ágora digital. Porque é aprendendo a fazer que melhor se faz. E se dúvidas houvesse, aqui está um tira-teimas: a reportagem é o perfume do jornalismo.

FICHA TÉCNICA

EDITOR: Luís Humberto Marcos (Coordenador do Curso)

COORDENADORES: Ana Queirós, Beatriz Pinto, Diana Morgado, Mariana Moreira e Sara Rodrigues

REDAÇÃO: Ana Antunes, Ana Queirós, Ana Rita Pereira, Andreia Novo, Andreia Sousa, Beatriz Pinto, Beatriz Rodrigues, Catarina Faria, Catarina Gomes, Catarina Soares, Cátia Sá, Cíntia Sanchez, Diana Mendes, Diogo Ferreira, Emanuel Cirne, Francisca Cochofel, Francisco Coelho, Frederico Maia, Hermâni Santos, José Mário Nunes, Magali Beça, Miguel Maiato, Mariana Moreira, Raquel Freitas, Ricardo Fonseca, Rita Cunha, Rita Neto, Roberto Rivelino, Sara Duarte, Sara Rodrigues, Tânia Ferreira, Vanessa Ferreirinha e Vanessa Pereira

FOTOGRAFIA: Andreia Sousa, Beatriz Pinto, Beatriz Rodrigues, Catarina Gomes, Catarina Soares, Diana Mendes, José Mário Nunes, Luís Humberto Marcos, Mariana Moreira e Rita Cunha

FOTOGRAFIA DA CAPA: Beatriz Pinto

MATRIZ GRÁFICA: Cláudio Carvalho

GRAFISMO: Beatriz Pinto, Carlos Vasconcelos e Diana Morgado

ENDEREÇO:

Instituto Universitário da Maia

Av. Carlos Oliveira Campos

Castêlo da Maia

4475-690 Avioso S. Pedro

Tel. (351) 229 866 000

ONLINE:

www.ismai.pt - info@ismai.pt

IMPRESSÃO: Naveprinter

ISBN: 978-969-8609-07-6

Ágora
DIGITAL



http://sandbox.pt/agora

www.facebook.com/jornal.agora

“UMA ALDEIA ABERTA, HOSPITALEIRA E COM GOSTO DE RECEBER”

Lúcia Jorge, presidente da Junta

Frederico Maia

“Venha que nós estamos à espera”. É assim que a Presidente da junta de freguesia de Pitões das Júnias, Lúcia Jorge, mostra a atitude hospitaleira desta terra. Após doze anos de presidência, confessa não ter sido a política que a cativou para o cargo, mas sim a vontade de ajudar a terra de onde é natural. Residente em Chaves, divide a sua vida pelas duas terras: durante a semana na terra onde reside, e ao fim de semana na terra que a viu crescer. Lúcia Jorge descreve a sua relação com a população: “direta, frontal e próxima, uma relação de confiança que se tem vindo a construir”.

A presidente afirma que o seu dia-a-dia não tem horários. Para além do serviço que presta à junta

de freguesia, é ainda responsável pela resolução de “pequenos problemas que a população vê, muitas vezes, como grandes obstáculos”.

Inevitavelmente, o tema crise surge na conversa. Lúcia refere que esta se fez sentir maioritariamente ao nível da saúde, com uma falha de atendimento nos internamentos. A população é obrigada a deslocar-se a terras próximas para receber cuidados médicos.

Carateriza Pitões de Júnias como uma aldeia “aberta, hospitaleira e com gosto de receber”, deixando o convite para uma visita. Conclui: “Mesmo tendo o mínimo, a população vive com dignidade e bem-estar”.



Perto do meio-dia, o gado já fez a sua pastagem e os agricultores refletem sobre a bela e dura vida de uma terra que vive do campo, mas que cultiva a comunidade. “O alimento da terra é o nosso pão”, afirma Maria do Rosário. Acrescenta: “(...) foi tudo embora, só ficaram os velhos e lá se vai trabalhando.”

ECOMUSEU DO BARROSO: UM HINO AO PASSADO

Rita Cunha e José Mário Nunes

A viagem até Pitões das Júnias é feita por íngremes subidas e por uma estrada de curvas e contracurvas. Na chegada à aldeia somos presenteados com uma paisagem marcada pela Natureza e coberta pelo branco da neve que cai.

Não há como nos enganarmos em direção ao nosso destino. “O Ecomuseu? É sempre a subir e é só seguir as setas”, explica-nos um habitante de Pitões das Júnias.

Por caminhos estreitos e de paralelo, chegamos finalmente à pequena porta vermelha. É a entrada para a casa de granito. Aqui estão as memórias da aldeia mais visitada do concelho de Montalegre: um espaço com dois pisos e um ambiente acolhedor, muito ao estilo de uma geração já ultrapassada pelo tempo. O Pólo do Ecomuseu de Pitões das Júnias conta a memória de um Povo, num espaço instalado na antiga “Corte do Boi”. No primeiro piso estão presentes os elementos da mulher e os utensílios do dia-a-dia, que nos mostram um modo de vida muito distinto do atual. Um espaço de origem Agro-Pastoril onde podemos sentir o ambiente de uma época em que a agricultura era o elemento essencial na economia, bem como o têxtil.

As fotografias, dispostas pelas paredes da casa, tornam a ligação histórica ainda mais profunda. Mostram os rostos de um tempo em que o trabalho manual era essencial para a sobrevivência familiar. As escadas conduzem-nos ao piso inferior e, em

cada canto, encontramos os utensílios do ofício do homem. Enxadas, foices, arados, entre muitos outros instrumentos agrícolas, estão dispostos na parede lateral. No centro, em destaque, encontra-se o carro de boi, já obsoleto em Pitões das Júnias.

O nome “Corte do Boi” não poderia estar mais de acordo com este espaço. A relação entre o animal e o homem é estreita, numa ligação de necessidade e sobrevivência comuns.

Não muito distante do Pólo encontra-se o Forno do Povo, usado outrora por todos aqueles que, privados de grandes fortunas, encontravam na madeira uma ajuda à sobrevivência.

Durante a nossa visita, as chamas foram reacendidas, evidenciando o seu bom estado de conservação e, por alguns minutos, fomos transportados para um tempo há muito esquecido.

No concelho de Montalegre, com a visita ao polo do Ecomuseu do Barroso, a paisagem começa a perder o verde de Pitões das Júnias. Regressamos à nossa conhecida paisagem, a cidade, marcada pelo castelo de Montalegre sobre as montanhas.

Orlando Alves, presidente da câmara de Montalegre, deixou a promessa de que, caso o tempo assim o permitisse, iríamos “ser confrontados com situações de cortar a respiração.” A promessa ganhou vida quando chegamos a Pitões das Júnias e os flocos de neve caíam tornando a paisagem numa mistura de verde e branco.



O conceito de Ecomuseu surgiu na década de 70, em França, caracterizando um tipo de museu diferente. Aqui os habitantes e visitantes seriam convertidos em atores e animadores comunitários. Seguindo este ponto de vista e numa tentativa de assegurar um vasto património, surgiu o Ecomuseu do Barroso. Delimitado pelos concelhos de Montalegre e Boticas e constituído por cinco pólos, é um ícone a não perder quando se visita Montalegre.

UMA JANELA VIRADA PARA O FUTURO

É com o olhar no passado que o Ecomuseu de Barroso “valoriza o território e a população”. David Teixeira, diretor do Ecomuseu de Barroso e Vice-Presidente do município de Montalegre, fala-nos da importância do património.

Magali Beça e Vanessa Pereira

A grande novidade deste espaço museológico é o facto de ser um museu vivo, onde cada pessoa e cada história fazem parte da coleção, evocando sempre as suas raízes culturais. Aqui, o visitante tem um primeiro contacto com as particularidades da região, ganhando interesse para a sua exploração.

De que forma este Ecomuseu se distingue dos outros?

A novidade deste espaço é que é um centro interpretativo da região. Não é um museu tradicional, não é um museu clássico, é sim a grande receção que nós queremos fazer aos visitantes, dando-lhes uma introdução do que é o território, do que são as gentes e do que podem cá fazer.

As peças que fazem parte do Ecomuseu foram feitas por artesãos locais?

Em cada pólo há uma loja e essa loja vende produtos dos nossos artesãos e criadores, no entanto não fazemos exposição dessas peças. São peças usadas na vida do dia-a-dia porque um Ecomuseu retrata o modo de vida de uma população e de um território muito específico.

Qual a percentagem monetária que os artesãos recebem?

Ficamos apenas com 10 % do valor da peça para pagar a logística e os sacos com a marca do Ecomuseu que vamos oferecer às pessoas.

Os turistas que visitam o Ecomuseu aderem à compra dos produtos tradicionais?

Sim. Quanto mais natural for o produto que está á venda na nossa loja mais facilmente os turistas e os visitantes levam para recordação.

A loja interativa de turismo inaugurada este ano obteve os resultados esperados?

Neste momento ainda não estão atingidos os objectivos para o qual foi feito esse investimento, mas pretendemos abrir uma janela deste território nas outras 52 lojas que vão estar espalhadas por todo o Norte de Portugal.

Que tipo de temáticas são abordadas nas sessões de “Conversas com História”?

As “Conversas com História” têm dois momentos. Num primeiro momento, o historiador José Dias Batista faz um enquadramento histórico de um tema: o Castelo de Montalegre, os Forais, os Alcaides de Montalegre... No restante tempo cada visitante poderá contar uma piada, um conto, ou simplesmente partilhar um pouco do seu saber.

Por ano, quantos turistas costumam visitar o Ecomuseu?

Por volta de 30 mil pessoas.

“ENTRE QUEM É!”

À entrada da sede do Ecomuseu lê-se “Entre Quem É”. Esta expressão é a prova de que ainda hoje se mantêm as tradições e que Pitões das Júnias é sinónimo disso mesmo. Nuno Rodrigues, responsável pelo turismo e desporto de Montalegre, recebe-nos na sede do concelho.

Magali Beça e Vanessa Pereira

Inserida no Parque Nacional Peneda Gerês, Pitões das Júnias é uma aldeia típica de montanha, uma das mais altas de Portugal. A sua ligação com a natureza continua presente no dia-a-dia da população. Nuno Rodrigues afirma que os habitantes são genuínos, sabem receber e deixam sempre a porta aberta a quem os visita.

Quais os principais pontos turísticos de Pitões das Júnias?

Pitões tem como atrações turísticas o Mosteiro de Santa Maria das Júnias, um monumento nacional, a Cascata de Pitões e o São João da Fraga, uma capela situada no meio do Parque Peneda Gerês onde todos os anos se realiza uma romaria. Tem ainda a aldeia de Pitões e o polo do Ecomuseu de Barroso, como pontos turísticos da região.

Que tipo de iniciativas promove o posto de turismo?

O Posto de Turismo e o Ecomuseu de Barroso já criaram alguns pacotes turísticos: um que parte da aldeia de Pitões com visita ao Ecomuseu e outro ao Polo de Tourém. Tem ainda a mostra de produtos locais em Pitões das Júnias e o desfile de Carnaval, organizado com o apoio do município e do Ecomuseu de Barroso. O Campeonato de Rallycross tem também um valor enorme para a região, principalmente pelo facto de passar em vários países e durante várias horas ao fim-de-semana. Os restaurantes e alojamentos enchem-se de visitantes.

De que forma estas iniciativas beneficiam os habitantes locais?

Cada vez mais os habitantes locais estão a aperceber-se de que o turismo e o esforço que o Ecomuseu de Barroso e o município estão a fazer dão lucro. Assumem que os pacotes turísticos são uma grande aposta do município, pois têm sido uma alavanca e



uma ajuda para todos os habitantes de Pitões na sua economia familiar. O número de projetos de casas de turismo rural está também a aumentar, o que contribui para o desenvolvimento regional.

Na sua opinião quais os principais problemas para a realização destas iniciativas?

O mais grave é, sem dúvida, o acesso, pois não temos ligação a nenhuma autoestrada. Mesmo assim, temos tido grande adesão em todas as actividades promovidas pelo município.

Existe alguma ligação entre Pitões das Júnias e o Parque Peneda Gerês?

Sim, durante alguns anos houve algum distanciamento entre o Parque Peneda Gerês, Pitões das Júnias e as aldeias

circundantes, devido a algumas restrições impostas. Mas penso que agora as relações melhoraram e esta ligação trouxe grandes vantagens para Pitões, uma vez que a aldeia está inserida no único Parque Nacional português.

Porque é que as pessoas devem visitar Pitões das Júnias?

Vale a pena visitar por toda a paisagem que Pitões tem para oferecer, pelos magníficos trilhos dentro do Parque Peneda Gerês, pela gastronomia e especialmente pelas pessoas da aldeia. Cada vez mais a população se preocupa em manter o original das casas e é isso que atrai mais visitantes à região. Pitões das Júnias pode ser visitada durante todo o ano porque todas as estações têm a sua beleza natural.



As pistas de Montalegre têm servido de palco ao Rallycross, tanto a nível regional como mundial. As provas realizam-se todos os anos e atraem cada vez mais turistas de vários cantos do Mundo “de alcatrão e terra”. Os carros, “ao arrancarem, conseguem ser mais rápidos do que os de fórmula 1”. No que toca a competições internacionais, “os espanhóis constituem cerca de 70% do público” afirma Nuno Rodrigues.

LICENCIATURAS

Instituto Universitário da Maia

www.ismai.pt fb.com/ismai.pt youtube.com/ismaipt

ISMAI

Ano Letivo
2014 | 2015

Dep. Ciências da Educação Física e Desporto

- Educação Física e Desporto
- Opções: Ensino da Educação Física; Treino Desportivo; Exercício Físico e Saúde; Atividade Física Adaptada.
- Gestão do Desporto

Dep. Ciências Sociais e do Comportamento

- Criminologia
- Psicologia
- Solicitação

Dep. Ciências Empresariais

- Contabilidade
- Energias Renováveis
- Engenharia de Segurança do Trabalho
- Gestão da Qualidade, Ambiente e Segurança
- Gestão de Empresas
- Gestão de Marketing
- Gestão de Recursos Humanos
- Turismo

Dep. Ciências da Comunicação e Tecnologias da Informação

- Artes e Multimédia
- Ciências da Comunicação
- Ramos: Jornalismo e Comunicação Organizacional; Jornalismo e Marketing e Publicidade; Comunicação Organizacional e Marketing e Publicidade.
- Informática
- Ramos: Computação Móvel; Geoinformática; Gestão; Redes de Nova Geração; Sistemas de Informação e Software; Sistemas de Informação Empresariais.
- Redes de Telecomunicações
- Ramos: Computação Móvel; Redes de Nova Geração; Sistemas de Informação e Software.
- Relações Públicas
- Tecnologias de Comunicação Multimédia
- Variantes: Audiovisual e Computação Gráfica.

A TRADIÇÃO É UMA FESTA!

António Lourenço Fontes nasceu em Cambezes do Rio, uma aldeia do Barroso. Conhecido pela dinamização de muitas tradições pagãs, este padre católico transformou Vilar de Perdizes num centro de atividades tradicionais. O Agora falou com o famoso padre Fontes, dinamizador barrosão que integrou as tecnologias digitais na sua atividade. Para ele, a tradição é uma festa.

Pedro Azevedo



Padre Fontes toca banjo, o seu instrumento preferido

Sabemos que tem feito um esforço enorme para manter vivas as culturas populares em Montalegre.

Como tem decorrido esse processo?

Todos os anos criamos uma base humana, presente e viva, de interesse rural, que nos leva a ter a necessidade urgente de a registar, usar e divulgar. É assim que temos feito! Registamos os cantares ao desafio, pomos-os em ação e fazemos disso festa e tradição. O mesmo acontece com a feira do fumeiro e com as armas medicinais que as pessoas, novas e velhas, têm que conhecer. Desta forma, refrescamos a memória dos populares. Há o saber popular da confeção, há a seleção do melhor produto e, no final, é dado a provar à comunidade. A prova do resultado está à vista... E como o povo diz “o que sabe bem ou é pecado ou é proibido”. Ali [nas festas] nem é pecado nem proibido. É bem visto!

E quanto à tão concorrida Queimada, pode desvendar-nos algum segredo?

A queimada é também um redescobrir de uma tradição de aguardente queimada para curar uma gripe ou “resfriado”. Era a receita que se fazia baseada no profano do sagrado e agora é uma forma de refrescar uma tradição antiga. Temos de investigá-la, valorizá-la e adaptá-la à realidade atual, esse é o nosso objetivo. Os segredos são sentidos! Têm que vir cá e assistir.

São, então, muito famosos esses cultos populares de Montalegre, um pouco por todo lado?

Sim, são já uma tradição que está enraizada. Ao ser avivada, melhorada, apimentada, adoçada, e avinhada (risos), atrai gente de todas as terras.

E tem tido os apoios necessários para proporcionar esse tipo de eventos?

Isto faz-se quer se queira, quer não se queira! Quer haja apoios, quer não haja apoios! Temos um povo que adere sempre à iniciativa. Pode não haver a colaboração das universidades - que não tem havido muito, têm estado até um pouco distantes - mas, como diz o povo, os lobos descem sempre ao povoado. Mais dia menos dia voltarão.

Pensa que estas iniciativas fazem parte de uma outra forma de comunicar?

É, digamos, a forma de fazer da tradição uma festa. Mais uma vez, como o povo dizia, “sem festa a vida não presta”. O povo gosta do que sabe a festa, porque para tristezas já nos bastam as tristezas da vida. Se tivermos uma oportunidade de criar um motivo de alegria, de convívio, de ponto de partilha, de divulgação, de animação, ou até de esquecimento, ótimo.

Como se faz isso?

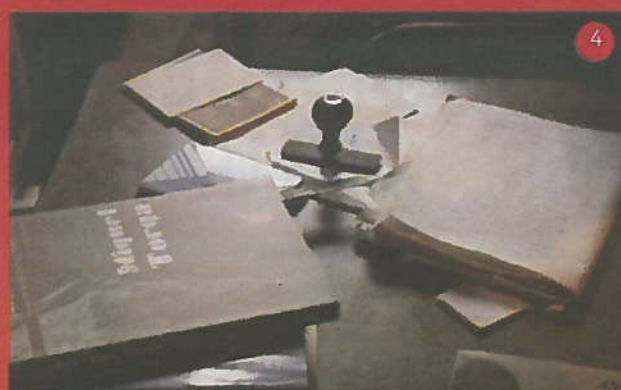
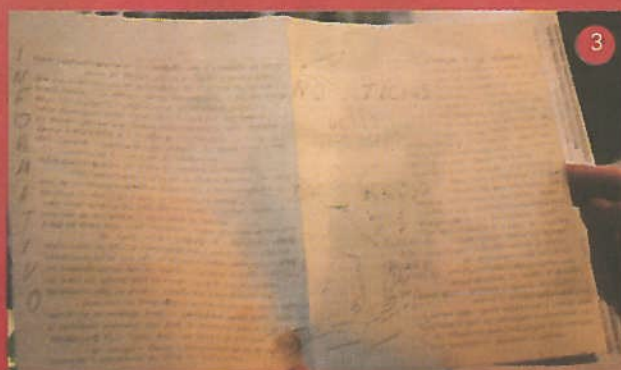
Esquecendo as tristezas, no meio da festa. E é essa alegria que o povo barrosão tem e transmite, quando está de porta aberta, mesa posta e a caneca e o presunto em cima da mesa, bem como o pão e o vinho. É uma casa portuguesa com certeza! (risos) E nós somos esse povo português que vive da sua cultura. A cultura do pão, da partilha, do carolo. Até das tristezas nós fazemos festa! À saída dos funerais há a tradição do carolo, em que o pão se dá a toda a gente que vai. Toda a gente come à porta do cemitério o pão em memória daqueles que partem. É uma espécie de partilha do profano com o sagrado, do aquém com o além. Portanto, há muito do saber popular em Montalegre, como veem.

A CASA MUSEU PADRE FONTES

Ao entrar na casa é inevitável não reparar nas inúmeras memórias. Em cada recanto, vêem-se marcos de uma vida cheia. Uma Casa Museu.

Em baixo vemos padre Fontes a mostrar os seus tesouros (1), a arca das medalhas (2), uma das primeiras edições do “Notícias de Barroso” (3) e, por fim, a mesa onde desenvolve o seu trabalho (4).

Ana Luísa Antunes, Catarina Soares e Tânia Ferreira



“É TUDO NATURAL... MAS NÃO APARECE QUEM COMPRE.”

O fabrico de produtos naturais e peças de artesanato é uma das marcas de Pitões das Júnias.

Catarina Faria e Raquel Freitas

Cecília Reis, 68 anos, dedica-se atualmente ao comércio regional. “Dona Cecília”, como é carinhosamente tratada pelos vizinhos, abriu-nos as portas de sua casa para dar a conhecer as maiores tradições da aldeia que a viu nascer.

Quais os principais produtos típicos da região?

A batata, o centeio, a couve... Os chás também são muito conhecidos e são naturais daqui: uns são apanhados no monte, outros nas hortas. As compotas também são produzidas por nós e alguns dos frutos são daqui, como é o caso da abóbora, da amora, da ameixa, do figo...

Estes produtos são utilizados maioritariamente para consumo próprio ou para venda?

Para venda. Costumamos aproveitar as feiras, como a Feira do Fumeiro, para vendermos lá os produtos. Os que sobram trazemos para casa e vendemos aqui...

Vendem para fora da região?

Não... Infelizmente não aparece quem compre. Quase ninguém sabe que estes produtos existem. Somos muito

pequeninos... Até mesmo os turistas só procuram as alheiras e os chouriços porque vêm lá na feira e querem levar para os amigos e familiares provarem.

Quais as principais vantagens destes produtos?

São caseiros: é tudo natural, sem corantes, sem conservantes. São mais saudáveis porque são feitos nas nossas próprias casas. Os ingredientes, como as frutas e as ervas, são também de origem biológica. Por serem tão bons para a saúde é que as receitas vão passando para os mais novos. Até eles já sabem fazer estes doces caseirinhos.

Sente que estes produtos deveriam ter mais destaque e ser mais comercializados em Portugal?

Sim, sim... E para nós isso era muito bom. Quantos mais, melhor... Mas ninguém liga muito a isto.

Como imagina o futuro deste comércio regional e biológico?

Ora... Eu gostava que mais pessoas procurassem as compotas e os chás, porque é sempre bom quando apreciam o nosso trabalho. Não há muita gente a procurar este tipo de produto caseiro. As pessoas simplesmente passam, vêm e decidem provar... Espero que isso mude.



Chás medicinais de origem biológica



Sinalética fora das regras



Diferentes compotas com etiquetas manuais

NOVIDADE 2014: MAÇÃ COM MENTA

Ana Rita Pereira

Compotas, chás, licores e mel, são as principais atrações da loja “Aromas e Sabores de Pitões”. “Todas as compotas derivam de um cultivo próprio de frutas e flores”,

diz-nos D. Fátima, proprietária do espaço e produtora de todos os produtos nele vendidos. Os diversos licores ocupam grande parte da loja, todos eles com sabores intensos e totalmente naturais.

Todos os anos o “Aromas e Sabores de Pitões” lança novidades. Maçã com menta é a novidade de 2014.

D. Fátima já pensa nas próximas edições com ervas medicinais, mas ainda está em “estudos do produto”.

Os frascos, etiquetas e embalamentos são totalmente feitos à mão.

Mas será que esta pequena loja, na cave de uma casa, vende apenas nesta região? A resposta é negativa, visto que os sabores são vendidos em lojas gourmet, em Mon-

talegre, Porto, Chaves e, brevemente, se-lo-á no estrangeiro. É assim que se desenvolve este projeto, de região em região, de boca em boca.

Para além do sabor, atraí-nos também o cheirinho a pão que se faz sentir na aldeia. A D. Maria, proprietária da única padaria da região, recebe-nos com um sorriso apressado de quem prepara a segunda fornada de broas de centeio do dia, especialidade da Padaria de Pitões.

A comercialização do pão e pasteleria é feita “porta a porta”, não só na aldeia de Pitões, mas também noutras aldeias vizinhas. Todos os dias saem várias carrinhas de distribuição, percorrem todas as casas sem exceção e regressam vazias ao final do dia. Foi mais um dia de trabalho.

OS SEGREDOS DO SABOR BARROSÃO

Um pouco escondida do mundo, a gastronomia desta aldeia não é a primeira opção para os turistas. No entanto, quando saboreada, marca pelo seu paladar único e pela versatilidade dos produtos.

Andreia Sousa e Diana Mendes

“A temperatura fria, a altitude e a humidade desta zona dão um sabor diferente ao fumeiro”, afirma Armando Pereira, proprietário do Restaurante Dom Pedro. A época destes produtos “começa no Inverno, em meados de Novembro, e vai até Fevereiro”.

A qualidade da carne é irrepreensível! Alimentos naturais como “a batata, a beterraba e a erva são os que dão mais qualidade à carne”. Por vezes os animais adoecem. Para os curar utilizam chá e rezam ao santo padroeiro dos animais, o Santo António: “no dia deste santo fazem uma missa e à tarde um bailarico. Antigamente, nesta festa, os lavradores davam algumas coisas que prometiam ao santo como línguas, pés e cabeças de porco que depois eram vendidas no adro da igreja”.

Sendo este povo auto-suficiente, tudo aquilo que produz, cultiva e mata é para a sua própria sobrevivência.

Pelas vielas acidentadas desfilam rostos marcados pelo trabalho campestre, acompanhando as numerosas cabeças de gado.

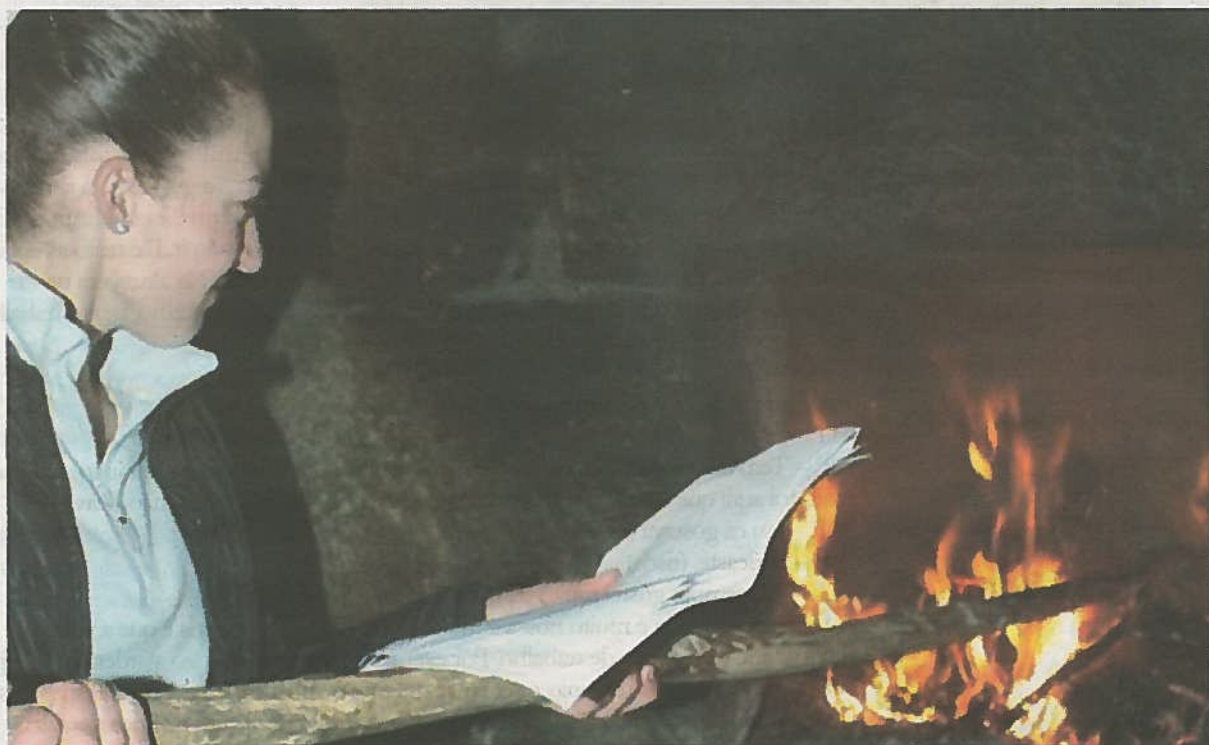
No berço do Parque Peneda-Gerês vivem mãos calejadadas de um trabalho árduo de sol a sol, da pastorícia ao trabalho de campo.

Desde há muitas gerações que, nesta aldeia, se cultivam as famosas batatas barrosãs, cultivo que não seria possível sem “a ajuda da cooperativa de Montalegre, uma vez que as pessoas foram semeando mais”. Estas foram as palavras de Pedro Gonçalves, um jovem que trabalha desde cedo nesta área.

A sementeira tem início em abril e termina em setembro. Nos anos chuvosos, “a dificuldade no trabalho de campo é maior e isso atrasa a sementeira”. O estrume do animal e o cuidado com as pragas são essenciais. Pitões das Júnias é também conhecida pelo trabalho comunitário. As famílias juntam-se na altura da colheita. “O trator arranca a batata da terra e as mulheres apanham-na”, diz Pedro. Na sua opinião, “o solo é predestinado à produção da batata, o que torna o produto com muito mais qualidade”.

Outro dos produtos caraterísticos desta região é o pão de centeio, que era cozido no Forno do Povo. Este forno, abandonado há dezoito anos, foi entregue à Padaria de Pitões, gerida por Gracinda Marinho. O forno demora cerca de três horas para aquecer e tem “um sistema muito complicado”. Gracinda, “tinha que andar a acartar lenha, andar a apanhar as brasas... Eu saía de lá mesmo gata borralheira, toda preta! E no final, aquele espaço tinha de ser varrido”.

Em terras barrosãs, a qualidade gastronómica resulta não só da mão do Homem, mas também do labor de animais, como as abelhas. “O mel cristalizado é sinal de pureza”, afirma Armando Pereira que, para além do restaurante, possui colmeias. É com a ajuda da carqueja, da giesta, tosgo e outros tipos de flores abundantes na região, que este mel é reconhecido pelos seus diferentes sabores e aromas. O mel de Pitões é apreciado além fronteiras, em especial na Galiza.



Forno do povo posto a funcionar para a reportagem “Agora”

A “MAGIA” PERDIDA

A Matança do Porco é uma das mais respeitadas tradições nas zonas rurais. Conhecida por mover multidões ao centro da aldeia, esta atividade está marcada pelo convívio e pela festa.

Francisco Coelho e Miguel Maiato



Manuel António Pereira, mais conhecido por “Russo”, procura manter a tradição na aldeia de Pitões das Júnias. Mas os “tempos já não são o que eram”, afirma.

Como e quando ficou encarregue desta tradição?

Como sabem, a matança do porco é uma tradição da aldeia, mas não só. É também uma tradição de família. Aprendi com o meu pai, como ele aprendeu com o dele, e por aí em diante. Desde pequeno que me juntava ao meu pai e aos seus ajudantes para assistir à matança do porco. Agora já o faço há mais de 20 anos e espero fazê-lo enquanto puder. Depois passo o testemunho ao meu filho, como manda a tradição.

Quando foi a última vez que se cumpriu a tradição?

Infelizmente já lá vão uns anos, a última vez foi no carnaval de 2011. A aldeia esteve cheia.

Mesmo assim, com o passar dos anos, a tradição não perdeu importância?

Gostaria de lhes dizer que não, mas infelizmente não posso. Lembro-me que, quando era apenas um rapaz, adorava este dia [Matança do Porco] pela quantidade de pessoas que vinham cá à aldeia. Pessoas que nunca tinha visto antes, tanto mais velhos como mais novos. Era também um dia conhecido por juntar familiares distantes. Com o passar dos anos a magia perdeu-se. Cada vez menos gente tira o dia para vir cá, e só os poucos que ainda cá estão aparecem.

Receia que a tradição se perca nas próximas gerações?

Cada vez mais as pessoas preferem viver nas cidades do que nas pequenas localidades, e isso leva à perda dos costumes, os mais importantes e os mais pequenos. Hoje a matança já é mais um favor que se faz a um amigo, ou até à própria família. Mas acredito e tenho fé que isto vai mudar.

Sente falta de apoio por parte da Junta de Freguesia?

Não, acredito que eles fazem o que podem e aqui não temos queixas. Mas não ficaria mal fazerem mais publicidade à região.

COMO CHEGOU O 25 DE ABRIL, HÁ 40 ANOS?

Ao longo dos três dias de reportagem, os pitonenses abriram as portas das suas casas e lojas para pequenas conversas sobre o passado. Como era a aldeia há 40 anos? Como chegaram aqui os ecos da queda da ditadura? O que mudou com o 25 de Abril de 1974? À volta destas questões fomos ouvindo e registando. São testemunhos que ficam para a história.

Ana Queiros e Beatriz Pinto



“Eu sou o único pitonês que trabalhou no dia 25 de abril, no centro de Lisboa, na rua pública”

António Fernandes

“As pessoas começaram a ir embora, algumas começaram a comprar tratores e carros, que até aí nem havia carros”

Maria Cascais

Maria Conceição Gonçalves Cascais, 68 anos, desde sempre a viver em Pitões das Júnias, recebeu-nos em sua casa revelando-nos um pouco da sua história. Entre risos e boa disposição, soubemos que a notícia chegou mais tarde, depois do dia 25, mas foi bem recebida.

Como era Pitões das Júnias há 40 anos atrás?

Era mais atrasado, não eram assim estas ruas (...) a gente jungia o gado e era com o carro dos bois que se carregava tudo: milho, batatas, feno, erva, tudo! Agora já é diferente porque agora a gente tem máquinas e tratores.

Como soube do 25 de abril de 1974?

Lembro-me de me dizerem (...) ouviu-se a falar na televisão. (...) Mas eu isso também ligo pouco. A gente foi criada aqui e não sabe nada destas coisas (risos)

O que mudou após a revolução?

Mudou tudo! Mas não foi pelo 25 de abril, foi pelo tempo. As pessoas começaram a ir embora, algumas começaram a comprar tratores e carros, que até aí nem havia carros.

Na sua opinião, sem a Revolução como estaria a terra hoje?

Sei lá (risos) Eu isso não lhe sei dizer.

Maria e António Fernandes, 69 e 71 anos respetivamente, são proprietários do café e restaurante Casa do Preto. Maria viveu desde sempre em Pitões das Júnias ficando a “cuidar do que fazia falta”, enquanto António cumpria o serviço militar fora. Chegou a estar fora 16 meses, em Lisboa.

Como era Pitões das Júnias há 40 anos atrás?

A.F. – Havia mais gado, bovino e caprino, havia muito mais gente. Vivíamos do cereal do milho, do feijão e da hortaliza.

Como souberam da revolução?

A.F. – Foi muito fácil, aí a história já é diferente. Eu sou o único pitonês que trabalhei no dia 25 de abril, no centro de Lisboa, na rua pública. Trabalhava numa empresa e nesse dia avariou um camião carregado de gás no campo das cebolas. (...) Fomos trabalhar de manhã, mas os carros começaram a regressar, (...) fecharam as tabernas e voltou e quando eram 16h da tarde, um dos patrões disse: «António, tens de ir ao campo das cebolas buscar uma carga de gás, mudá-la de um camião para o outro. (...) Tu vês ninguém se mete contigo. Só dizes a verdade, que está lá o gás e que há perigo em ir lá o camião que avariou. (...)» E eu fui, (...) ninguém se meteu comigo, nem polícia nem militares, nem ninguém.



Ninguém quis saber o que estava fazendo.

M. – Eu soube pelo rádio tínhamos televisão. Mas a ninguém imaginava nada. A vida continuou aquilo que era, quase como se nada tivesse acontecido.

O que é que mudou?

A.F. – Em Pitões das Júnias houve um pouquinho mais de liberdade, por exemplo para irmos a Espanha não era fácil. São 3,5km até lá (...) mas não podíamos ir a qualquer hora. Depois do 25 de abril as coisas começaram a ficar mais fáceis, fomos comprar coisas com mais facilidade (...) a guarda civil já não se

metia com a gente, já não perguntava de onde éramos. Melhorou bastante! Após o 25 de Abril muitos emigraram para França, (...) mas acabei por não ir. De resto as coisas continuam, talvez com mais oportunidades do que havia antes. Na altura era muito trabalho, pouca produção e muita gente a comer. Agora é ao contrário, muito trabalho e pouca gente.

Pretendem permanecer em Pitões das Júnias?

M.F. – Eu não mudava.

A.F. – Tem das suas coisas. Eu já não digo que não. Gosto de aqui estar, não saio daqui mais, foi aqui que estive a minha vida inteira, mas se tivesse 20 anos não ficava.

M.F. – Eu cá gostava de ficar.

A.F. – Já ficaste. (risos)

M.F. – Eu sempre gostei muito da minha terra.

A.F. – A nossa terra é muito nossa e muito linda. (...) O problema é que a vida aqui é muito dura, é uma vida de trabalho. Por exemplo, para ter este fogo a arder (aponta para a lareira) nós passámos semanas e semanas durante o ano a carregar lenha. Temos de ir cortar, transportar e arrumar para depois queimar nas horas que nos faz falta.



“A vida oferecia poucas condições, isto era uma agricultura de sobrevivência.”

Domingos Carrito

Domingos Carrito, 65 anos, nem sempre viveu em Pitões das Júnias. Aos 20 anos foi para a tropa e posteriormente morou 27 meses em Moçambique. No 25 de Abril já tinha regressado a Lisboa, onde soube da revolução e festejou a liberdade.

Como era Pitões das Júnias antes do 25 de abril?

Pitões das Júnias era muito diferente daquilo que é hoje. A vida oferecia poucas condições, isto era uma agricultura de sobrevivência. As pessoas trabalhavam muito para ter muito pouco, mas como não conheciam outra vida, era o melhor que podia haver.

Como soube do 25 de abril de 1974?

Eu já estava em Lisboa. Eu fui para Lisboa em 73, e em 74 foi o 25 de abril. Eu estava lá, ouvi através da rádio. (...) Depois de dormir veio o alerta.

Apoiava a Revolução de Abril?

Com certeza, porque antigamente a gente vivia num sufoco. Aqui [Pitões das Júnias] não, nunca tivemos problemas, mas lá para baixo era complicado. As pessoas não podiam reivindicar nada daquilo a que tinham direito, tinham de “comer e calar”.

Sem esta Revolução, como estaria Pitões das Júnias hoje?

Pouco diferente daquilo que era antigamente. Esta revolução trouxe muita coisa boa à nossa terra e ao nosso país.

Reside em Lisboa de momento. Pretende continuar lá?

Sim. (...) Eu gosto disto mas só de 8 a 15 dias, a partir daí já me satura. (risos) [Lá] para Lisboa. Já estou lá há 40 anos e tenho lá casa.

Cecília e Domingos Reis, 68 anos e 72 anos, abriram-nos à porta do seu estabelecimento. Cecília Reis sempre viveu em Pitões das Júnias, já Domingos Reis partiu para África em 1963, tendo ido também para o Brasil, Alemanha e Luxemburgo. Este casal, que mantém atualmente um negócio de compotas, chás e tecelagem, partilhou alguns momentos e histórias num ambiente bem-disposto e sorridente.

Como era Pitões das Júnias há 40 anos atrás?

D.R. – Era muito diferente porque não tínhamos as comodidades que temos agora. (...) Tivemos ajuda da União Europeia que foi o que nos valeu não é? Senão não éramos nada. (...) A cultura nunca teve apoio nenhum, ainda hoje não tem praticamente. (...) Depois começaram a vir as máquinas, o que nos ajudou muito à agricultura, os tractores e as alfaías.

Estavam cá em Pitões das Júnias em 1974?

D.R. – Em 74 estava na Alemanha.

C.R. – Eu estava. Soube passados alguns dias, porque não havia televisão. Foi através da rádio e do passa-a-palavra que a notícia chegou.

Apoiaram esta revolução?

C.R. – Eu nem sabia se era bem se era mal, não tinha nenhuma informação. Nascida aqui, criada na aldeia, ainda não havia televisão, não havia coisa nenhuma... quer dizer, estávamos aqui assim, metidos no meio desta serra, afastados de tudo e de todos.

Quando souberam?

D.R. – Eu estava na Alemanha naquela ocasião e lá já assistíamos à televisão. Eu soube no momento. Quando se deu o 25 de Abril, salvo erro, foi quando o Marcelo Caetano foi embora para o Brasil, e isso na Alemanha constou-se na hora.

Após o 25 de abril de 1974, o que mudou aqui em Pitões das Júnias?

D.R. – Por um lado (...) com a ajuda da união europeia tivemos os apoios, o que ajuda bastante. Por outro lado, os partidos políticos estragam muito aqui a nossa aldeia; quem diz a nossa diz as outras mais. Cada um começou a puxar para seu lado e houve muita desunião. E claro, ainda hoje há essas divergências.

Se pudessem voltar atrás, anular a Revolução, faziam-no?

D.R. – Não, não, não senhora. De jeito nenhum.

C.R. – (...) oxalá nunca mais seja preciso um 25 de Abril.

“Oxalá nunca mais seja preciso um 25 de Abril.”

Cecília Reis



“Eu estava na Alemanha naquela ocasião e lá já assistíamos à televisão.”

Domingos Reis

A RÁDIO QUE CONQUISTOU O BARROSO

Conhecida como a Voz do Barroso, a rádio Montalegre é uma das três maiores rádios do distrito de Vila Real. Foi fundada por um conjunto de pessoas, trouxe a rádio da Borralha para o centro de Montalegre.

Ricardo Fonseca e Vanessa Ferreira

Perto de completar 20 anos de existência (em setembro de 2014) a Voz do Barroso tornou-se a companhia diária daqueles que a escutam, privilegiando a informação e a música nacional. Entrevistámos Nuno de Carvalho, animador e repórter da rádio Montalegre.

Qual o horário de emissão da rádio?

Emite durante 24 horas por dia, mas logicamente não estão cá colaboradores a tempo inteiro. Não existe capacidade financeira para tal. De segunda a sexta-feira, a rádio emite em direto das 8h da manhã às 22h da noite. Durante o resto do dia os programas são gravados. Desde a sua fundação que emite na frequência 97.5 FM e, mais recentemente,



foi adaptada para a via online em www.radiomontalegre.net.

Quanto colaboradores tem a rádio?

Neste momento não é possível dizer um número preciso, mas ainda tem uma boa quantidade. Uns escrevem a crónica do dia, de segunda à sexta-feira, sendo que neste último dia é o conhecido Padre Fontes que escreve sobre um tema à sua escolha. Temos também técnicos que zelam pela manutenção da rádio e, finalmente, os locutores, que na sua maioria contribuem de forma gratuita.

Então nem todos são remunerados?

Neste momento, a tempo inteiro e remunerados, estão apenas três pessoas.

Qual o público-alvo? Qual a sua faixa etária?

O público-alvo, quando a rádio se formou, era essencialmente a população de Montalegre, tanto aqueles que cá residiam como os que emigraram. No entanto, com o surgir da internet, o conceito de rádio mudou, e não nos podemos apenas centrar no concelho de Montalegre, pois temos ouvintes também no Minho, Europa e Estados Unidos. Relativamente à faixa etária, foi uma preocupação da rádio, desde a sua fundação, abrange os ouvintes dos 8 aos 80.

Os ouvintes podem participar na emissão de cada programa?

Podem e participam sempre. Através do correio eletrónico, do facebook e do programa discos pedidos os ouvintes podem contribuir para cada emissão.

A rádio costuma colaborar ou patrocinar os eventos da região?

Sim, normalmente a rádio está presente em todos os acontecimentos tal como a sexta-feira 13 e a feira do fumeiro, que são consideradas as maiores festas de rua, mas também outras festas populares e concertos, sendo que a emissão da rádio nesses dias se altera, centrando-se nestas romarias.

“AQUI NÃO TEMOS HIPÓTESES... A SOLUÇÃO ESTÁ EM MONTALEGRE”

Os transportes, a saúde e as telecomunicações, são alguns dos serviços essenciais à vida moderna. Satisfazem necessidades coletivas e garantem direitos da população. Em Pitões das Júnias são poucos.

Rita Neto e Sara Duarte

Cecília Reis e Maria Fernandes, falam-nos das insuficiências dos serviços a que têm acesso. Em Montalegre está a solução para esta pequena população.

De que forma se realiza a distribuição de correspondência postal?

É realizada diariamente. Temos de colocar na caixa de correio pública, para depois ser levada pelo responsável pela recolha do correio.

Quanto às faturas da eletricidade, do gás e da água, como fazem?

Aqui não temos quaisquer hipóteses, visto que não há bancos, nem outro meio parecido. A única solução é dirigirmo-nos a Montalegre, e efetuar o pagamento no banco ou em lojas.

Em caso de emergência, o que fazem? Ligam para o INEM?

Nesses casos temos mesmo de nos dirigir a Montalegre. Caso

sejam precisos outros cuidados que só o hospital nos pode oferecer, recorremos a Vila Real ou Chaves. Em situações extremas, ligamos para o INEM e normalmente são rápidos a chegar.

Há algum médico permanente?

Temos uma extensão, um pequeno posto de saúde aqui perto, em que o médico atende duas vezes por semana e nos faz consultas de rotina.

Que meios de transporte utilizam para recorrerem a Montalegre?

Daqui para Montalegre só temos mesmo o táxi, ou o carro, quem tem.

Bombas de combustível, existe alguma cá na aldeia?

Não temos, só em Montalegre.

Como é feita a segurança? A polícia faz visitas regularmente?

A GNR faz uma visita mensalmente, ou caso apareça alguma situação mais problemática. Mas Pitões é uma aldeia calma, raramente acontecem complicações desse tipo, o facto de se situar no meio da serra não influencia muito.

Não há nenhum centro comercial, como fazem para comprar vestuário e bens materiais?

Isso depende muito. Compramos em feiras que se realizam periodicamente em Montalegre, nas próprias lojas lá existentes, ou em Chaves ou Vila Real. As pessoas que têm carro optam por lá ir.



São 21 km de estrada até Montalegre

Com a TDT, o sinal de televisão é relativamente bom?

Sim. Anteriormente tínhamos algumas falhas, mas com o aparecimento da TDT não temos razões de queixa. Ainda alturas em que o vento é muito e o sinal fica fraco, mas nada de mais.

Produzem as batatas e outras hortícolas, mas produzem como o arroz e a massa, por exemplo, como fazem para os adquirir?

Vamos aos hipermercados a Montalegre. Pitões tem umas pequenas lojas que não chegam a ser considerados mini-mercados, o que nos permite o acesso a esses bens alimentares.

Como adquirem o peixe e a carne?

A carne vem dos animais que mantemos: as vacas, os porcos, os bois, as galinhas, etc. Já o peixe temos que nos dirigir aos supermercados se quisermos adquiri-lo fresco. Por vezes aparecem aqui vendedores ambulantes com peixe congelado, mas sem muita variedade.

NATUREZA CONTAGIANTE EM VISITA AO PASSADO

O vento sopra na aldeia. O sol brilha por entre as nuvens. Apesar da chuva que vai caindo, o ânimo e a vontade de chegar ao “destino” é cada vez maior. Mochilas às costas, equipamentos nas mãos, agasalhos no corpo e longe de tudo e todos, partimos à descoberta dos antepassados de Pitões, as ruínas de Juriz.

Catarina Gomes, Mariana Moreira e Sara Rodrigues



A cascata, ponto forte do roteiro turístico

A viagem ainda é grande. O secretário da junta decide dar-nos uma boleia. Sr. António Cascais, ou apenas Cascais como gosta de ser chamado, já que o termo senhor lhe “dá vontade de rir”, afirma.

É o jeep vermelho que nos leva por dentro destes caminhos apertados e repletos de musgo e lama. Pelo caminho as curiosidades enchem o olhar.

Estamos perto da Galiza, mas não há fronteira legal. Aqui são as montanhas que nos separam dos nossos vizinhos, o povo de Pitões não vê ali uma fronteira mas sim uma extensão de território comum.

“As aldeias já conviviam muito ao nível agrícola com os galegos. Agora, com a acessibilidade melhorada, é ainda mais fácil nós irmos lá e eles virem cá, quer para tomar café, quer para encontros comerciais. Eles vêm cá comprar alguns produtos e nós a eles, há uma troca...”

O ar gélido torna difícil a missão de deixar a mente sonhar por entre os vales, as árvores, o barulho da água, o verde e o cinza, e as nuvens que passam a correr. Quando nos damos conta, são as nossas pernas que nos levam a sítios considerados mágicos, de sonho, só possíveis nos contos de fadas. Embaladas pelas palavras de Cascais nem damos conta dos pés molhados pelos cursos de água. Esquecemos as calças sujas de lama, ajudamo-nos nas subidas e descidas repletas de escorregadios percursos.

A parte mais complicada chegou, temos que atravessar o rio, saltar de pedra em pedra. Parece até uma história de aventura, um filme.

“Este é um sítio desconhecido para a maioria dos visitantes, porque não é fácil cá chegar, não está sinalizado”.

Continuamos, depois de mergulhar as pernas na água fria do rio, e aqui estamos nós: na aldeia de Juriz. Um misto de ruínas e prados verdejantes, cerca de 40 construções pequeníssimas onde antigamente viveram famílias inteiras.

“Não sei quantas pessoas viviam em cada casa, acho que seria mesmo interessante fazer um levantamento arqueológico a tudo.”

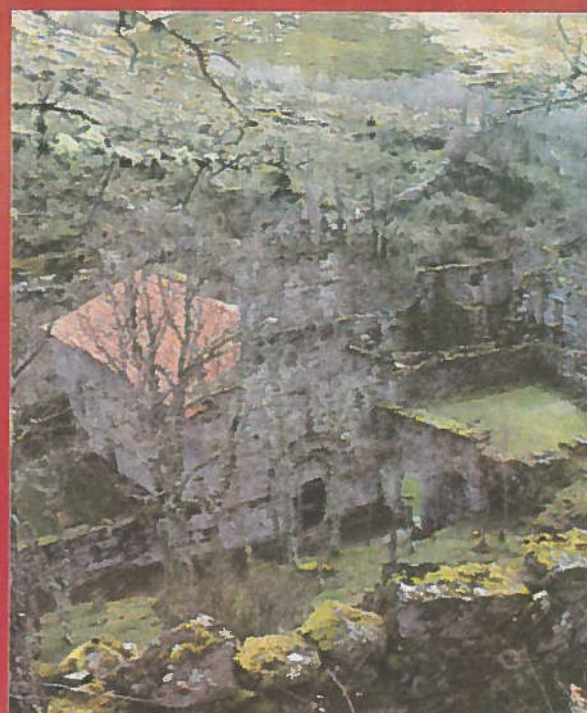
Cascais revela-nos então um fato bastante interessante. A aldeia abandonada no século XV, provavelmente por um surto de peste, evidencia sinais de invasões. Não havia qualquer proteção ou muralha que os mantivesse seguros. Além disso, não dispunha de nenhuma igreja, pelo que os habitantes tinham de se deslocar 4 km a pé para assistir à missa.

A natureza contagiante não fica por aqui. Chegou a vez de descobrir uma beleza natural: a cascata. Ao descer a enorme escadaria de madeira, as pernas tremem do cansaço e os dentes batem ao ritmo do vento. Aqui vamos nós, ansiosas. Já conseguimos ouvir o som da água, estamos a chegar!

Boquiabertas com esta paisagem, encontramos-nos mesmo aqui, perante uma das melhores vistas de Portugal. Relaxante, bela, pacífica. Queremos tirar fotografias, ouvir o silêncio da natureza.

Qual será o futuro desta magnífica aldeia, aqui em Montalegre? Apesar destas sensações inesquecíveis, há uma que nos abala: a desertificação evidente.

“Os nascimentos têm diminuído e muitas pessoas têm emigrado para Braga e Porto.” sublinha Cascais. Com receios sobre o futuro fica a promessa de voltar.



Um monumento nacional em ruínas

MOSTEIRO DE SANTA MARIA

Ana Antunes, Catarina Soares e Tânia Ferreira

Fundado no século IX, encontra-se num vale estreito e de difícil acesso. Metade do caminho é fácil, já o restante apenas pode ser percorrido pelos mais corajosos e determinados. Após vários obstáculos, encontramos um caminho irregular de lajes de pedra que nos conduz até ao vale da Serra da Mourela, entre os penedos do Ceres e de Larouco. António Cascais explica que estes pequenos desafios existem com o objetivo de evitar possíveis furtos e vandalização deste monumento nacional.

Durante muito tempo foi a única igreja da aldeia, sendo por isso a mais importante. A entidade que gere o Mosteiro é a Direção-Geral do Património Cultural, juntamente com a Igreja, a Diocese de Vila Real.

Cascais refere: “o que acontece é que está em ruínas e seria necessário que as entidades que têm poder preservassem o local. Mas isso está em falha. A população ultimamente contribuiu para a consolidação da Igreja e restauro do telhado, que já tinha algumas infiltrações de água.”

O secretário da junta informa ainda que a população de Pitões das Júnias apenas percorre este caminho uma vez por ano, a 15 de Agosto, durante as celebrações em homenagem a Santa Maria das Júnias. Apesar de visitarem o mosteiro apenas nesta data, todos os membros da aldeia reconhecem o seu valor histórico e a necessidade de o preservar.

“Há sítios do mundo que são como certas existências humanas: tudo se conjuga para que nada falte à sua grandeza e perfeição.”

Miguel Torga

MÚSICO E ARTESÃO COLOCA O BUREL NA MODA

Antigamente só servia para capas de pastor. Era grosseiro e escuro; impermeável. Hoje pode ser leve e de várias cores. As mãos de Carlos Medeiros descobriram o burel e fazem dele peças de artesanato modernas e sofisticadas.

Cintia Sanches

O artesão Carlos Medeiros criou, em Montalegre, uma empresa familiar juntamente com a mulher, Elsa Medeiros. Fomos descobrir os meandros do negócio.

Como surgiu a ideia desta atividade?

Na realidade surgiu para ser um complemento orçamental, por sermos um casal já com um filho. Eu estava sempre fora de casa e resolvi voltar por causa do miúdo. Tinha surgido a oportunidade de lecionar aulas de

expressão musical nas escolas e como era só uma hora por dia, decidi dedicar-me à costura.

E tem formação na área da costura?

Não, por acaso era uma coisa que não sabia, mas como tinha uma máquina de herança dos meus avós, comecei a fazer algumas brincadeiras com tecidos. Tudo o que aprendi foi por experiência própria.

Teve alguma influência familiar?

Não, nem eu nem a minha esposa temos alguém ligado à costura, aliás, a mãe dela costurava mas nada profissional. Foi uma questão de gosto, sempre gostei de moda e de transformar a minha roupa.

Há quanto tempo se dedicam ao fabrico das capas de burel?

As capas propriamente ditas foram lançadas em Novembro do ano passado. Nós começámos com porta-chaves, que eram ratinhos, e uns porta-moedas. Entretanto fomos saltando de peça em peça até às peças de vestuário.

Porque decidiram usar o burel como principal matéria-prima?

Decidimos usá-lo por ser um material português 100% lã. Como já foi muito usado, decidimos pegar no burel e dar-lhe um toque de modernidade com peças atuais. Ao contrário do que se possa pensar, quem nos tem comprado as peças são principalmente pessoas da nossa faixa etária, dos trinta por aí.

Quais são as vossas ambições e objetivos a atingir?

Queremos ir devagarinho para chegarmos ao máximo possível, mas sempre com os pés bem assentes na terra. Ainda não temos ambição de crescer muito por uma razão muito simples: queremos continuar a ser nós mesmos a fazer as peças todas.

E estão felizes com a vida pessoal e profissional?

Estamos. A minha esposa trabalha a tempo inteiro, eu não. Acabamos por não estar tanto tempo juntos o que acaba por ser bom. Somos felizes com aquilo que fazemos.



Carlos Medeiros, professor de música e artesão



"Começamos com porta chaves e fomos saltando até às peças de vestuário" - afirma o artesão

Ciências da Comunicação no ISMAI

Curso inovador: 6 semestres de tecnologias



HOLANDESES EM BUSCA DE UMA VIDA SIMPLES

Lukkien Hoiting e Joost Van Bergen trocaram a Holanda por Penedones, uma aldeia do Norte de Portugal, deixando a família e o stress do seu país para trás.

Ana Queiros e Beatriz Pinto

São mais de 1 900 os quilómetros que ligam a Holanda a Penedones, aldeia situada no sopé da serra, antes da subida para Pitões. A natureza, o lago e as rotas pedestres falam mais alto quando a vida stressante das grandes cidades se apodera do nosso quotidiano. Este foi o caso de Lukkien Hoiting (62 anos) e Joost Van Bergen (68 anos), um casal Holandês que deixou a família para trás e perseguiu a paz e a calma de um novo país. Estivemos à conversa com este casal que amavelmente nos recebeu na sua casa falando conosco durante uma manhã de partilha, trabalho e bom ambiente.

Lukkien Hoiting, nascida na Holanda, visitou pela primeira vez Portugal em 1997. A aldeia de Tourém atraiu-a em especial, aproveitando umas pequenas férias para visitar também Peneda Gerês e Penedones. “Adorei esta parte de Portugal porque a vida é simples e muito diferente da Holanda. Lá há muito stress, as pessoas querem sempre mais, mais e mais e aqui eu tive a sensação de que as pessoas viviam aquela antiga ideia de vida simples e feliz. (...) O que é que se pode querer mais do que uma vida simples e em comunhão com a natureza?” De facto, ao longo de mais de duas horas de conversa, a fauna e flora existentes no nosso país salientaram-se no discurso de Lukkien.

A partir desse momento, voltava a Portugal quatro vezes por ano e a reforma foi apenas um incentivo à vontade de deixar a Holanda e a procurar a calma: “(...) começamos a procurar uma casa porque entretanto nos reformamos e quisemos deixar a Holanda, mas não pudemos comprar uma casa em Tourém. Ou não



foi possível, ou as pessoas não queriam, ou outra coisa qualquer, não sei (risos), (...) este [Penedones] era um sítio agradável e tínhamos a vista para a barragem.” Lukkien revela-nos o seu projeto a desenvolver de Abril de 2014 a um final indefinido. “Eu sou artista e de momento estou a preparar a instalação Via da Arte”. A artista Lukkien Hoiting, juntamente com Silvia Van Leest e Jetty Antuelink – duas artistas holandesas – pinta muros e pedras, transformando-as obras de arte. Pelas rotas pedestres de Penedones encontramos, misturados com a natureza, esculturas que adotam a forma de elementos da fauna e da flora. “A natureza é muito inspiradora, (...) por isso desenvolvemos muitas ideias com vários artistas. Em Outubro estiveram cá [Silvia Van Leest e Jetty Antuelink] e preparamos a instalação. Agora trabalho para este projeto todos os dias, especialmente com pedaços de madeira. Já fiz um pássaro e todo o tipo de animais”. Num olhar global sobre a aldeia de Penedones, Lukkien Hoiting e Joost Van Bergen traduziram-nos a sua paixão e fascínio pelo sítio que escolheram para viver, como “A nice small village surrounded by nature” [uma simpática pequena aldeia rodeada pela natureza].



Lukkien com o cartaz de uma exposição



Joost Van Bergen e Lukkien Hoiting, artistas holandeses, falando ao Agora



Pedras e ramos transformados em obras de arte

É PRECISO EVITAR NOVAS “VAGABUNDAGENS”

“Sem políticas concertadas, com poder central, regional e autárquico, definhamos e morremos”
- previne autarca de Montalegre sobre o novo QREN

Emanuel Cirne, Hernáni Santos e Roberto Rivelino

De forma direta e sem papas na língua, o presidente da Câmara Municipal de Montalegre teme que muito do dinheiro europeu “vá para vagabundagens”. Orlando Alves falou ao Ágora sobre os milhões de euros – QREN 2014-2020 – e outros temas relacionados com os contrastes litoral-interior.

Preocupado com a litoralização e o centralismo que vinga em Portugal, Orlando Alves expressa as dificuldades sentidas no interior do país. Falou-nos da situação económica da região, de política e até das atrações turísticas de Montalegre.

Está a cumprir os seus primeiros meses de mandato como presidente. Tem conseguido realizar as propostas apresentadas na sua campanha?

Todas as propostas que constavam do compromisso eleitoral estão a ser progressivamente implementadas. A única promessa que eu fiz foi a de tentar envolver a comunidade num projeto de revitalização do território, recuperando a economia com investimento na produção pecuária, agrícola e florestal. Estes investimentos são morosos e a sua eficácia só se consegue se, a par da boa vontade da autarquia, houver o empenhamento da população do concelho.

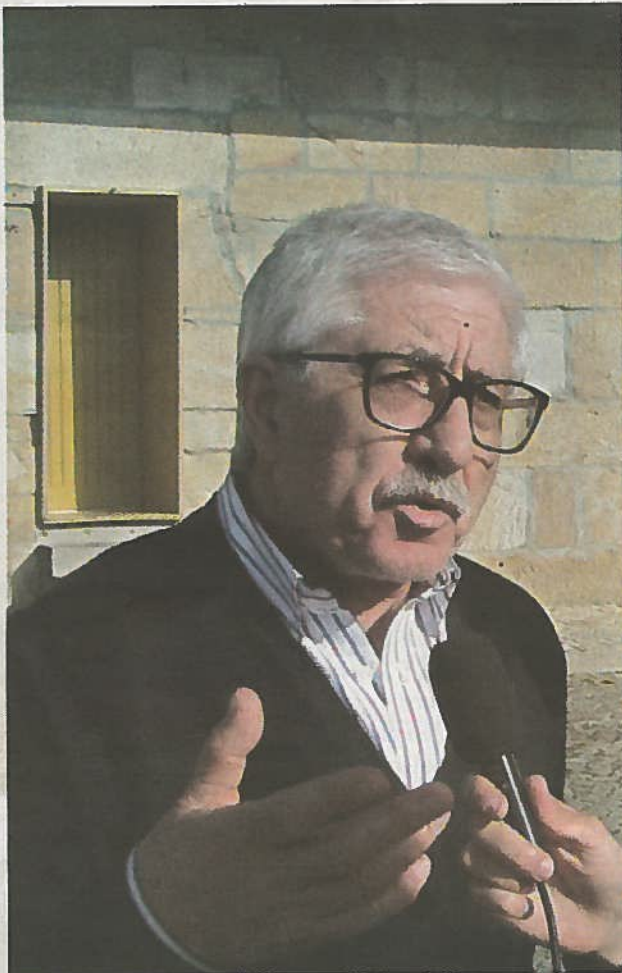
Que dificuldades está a sentir?

As questões que mais preocupam o meu município só serão solucionadas com empenhamento do poder central, que não resolve problema nenhum. É preciso instituir as regiões. Entre poder central e uma câmara como a de Montalegre, não há mais nada pelo meio. Não há políticas concertadas e não havendo políticas concertadas onde estejam regiões, o poder regional, o poder autárquico e o poder central a definir desígnios e estratégias, definhamos e morremos. Na relação entre municípios e poder central cada um puxa a brasa à sua sardinha.

“As questões que mais preocupam o meu município só serão solucionadas com empenhamento do poder central”

Havendo esse distanciamento governamental em Portugal, recebe algum apoio alternativo da parte de Espanha (região próxima)?

Não, na economia global ninguém dá nada a ninguém. Cada vez mais a economia é que comanda, o dinheiro dá estatuto às pessoas. Portugal não tem estatuto, é um país sem dinheiro. Somos minorizados à escala global e não fazemos nada para sair do atoleiro em que nos deixamos cair. Só há uma forma que é, de fato, definir políticas onde o poder central e os poderes locais, em atenção às pessoas, estejam todos envolvidos, e a trabalhar para o mesmo fim.



Orlando Alves, presidente da Câmara de Montalegre

“Há um país que está por explorar e por conhecer. Portugal é lindíssimo. À medida que nos afastamos do mar o país é cada vez mais lindo. Há necessidade de conhecer mais para além das ondas do mar.”

Montalegre perdeu quase diariamente mil euros, tendo em conta orçamentos passados. Como é que consegue fazer uma gestão melhor do seu município com uma perda tão acentuada?

Como faço em casa, quando vejo que me tiram aos rendimentos, ou como qualquer cidadão do nosso país que vê a sua reforma e o vencimento a serem cortados e os impostos continuamente a subir. Tivemos de corrigir trajetórias na nossa conduta familiar e pessoal. Ao nível das autarquias está a acontecer o mesmo. Temos que corrigir procedimentos sem gastar mais do que aquilo que temos, e felizmente a Câmara de Montalegre nunca o fez. É uma câmara sem dívidas, financeiramente estável, com pagamentos a 30 dias a fornecedores e empreiteiros.

Fala-se muito dos Fundos Comunitários que irão ser aplicados até 2020 (Portugal 2020). Acredita que serão distribuídos equitativamente, ou voltamos à situação da concentração em municípios mais importantes?

Concordo com as linhas orientadoras do próximo quadro comunitário Portugal 2020. É um desenho feito pela União Europeia, feito por Bruxelas.

Apoia essa situação?

Apoio claramente, injetar dinheiro na economia, fazer crescer a economia e combater o desemprego. Estradas e auto estradas temos que basta. Era bom que o próximo quadro comunitário tivesse sucesso. As linhas orientadoras são boas, espero que os resultados também estejam à altura daquilo que se perspetiva. Porém, tenho medo que muito desse dinheiro vá para vagabundagens, chamemos assim. Temos sempre que desconfiar de quem vê e sonha só com o lucro e faz tudo para aparentar aquilo que não é. Acredito que há formas de controlar essas coisas, mas temos também a experiência passada de ver que muitos apoios foram dados à indústria e à atividade comercial e isso serviu para fechar empresas, deitar pessoas no desemprego. Lamento

“Temos sempre que desconfiar de quem vê e sonha só com o lucro e faz tudo para aparentar aquilo que não é.”

que 30 e tal anos após a adesão à União Europeia nunca se tenha feito, a meu entender, o que devia ter sido feito. Investir no campo e nas cidades. Na cidade temos nomeadamente Lisboa e Porto a cair. Lindíssimas mas inabitáveis, caso único no mundo. Têm muito charme mas só nos prospeitos. Isto é vergonhoso. As cidades podem ser potenciadas como fontes de grande atratividade turística, mas para isso é necessário que se invista na recuperação imobiliária.

Em termos da atratividade turística, o que é que Montalegre trás de diferente comparativamente a outras regiões? E como é que pode ser potenciada numa região interior como Montalegre?

Falei naquilo que devia ser feito na urbe e ainda no que está por fazer. Na recuperação das cidades deviam ter sido aplicados, há muitos anos, fundos comunitários. No mundo rural devia investir-se na elaboração do chamado cadastro da propriedade rústica. Há muita propriedade abandonada e a terra tem uma função social a desempenhar. Deveria haver mecanismos de ir buscar a terra de quem a tem e não quer trabalhá-la. Ao lado está um jovem agricultor que quer ganhar escala, dimensionar a propriedade, e não consegue. A atratividade de Montalegre é grande. É necessário que as pessoas se consciencializem que há país para além das praias, dos centros comerciais, das discotecas e das urbes movimentadas. Há um país que está por explorar e por conhecer. À medida que nos afastamos do mar o país é cada vez mais lindo. Há necessidade de conhecer mais para além das ondas do mar.

O que é que Pitões das Júnias traz de diferente ao município de Montalegre?

Pitões tem a particularidade de, a seguir ao Sabugueiro, ser porventura a terra mais alta de Portugal. Tem um património paisagístico fantástico, um património ambiental riquíssimo e ainda um património humano ainda muito preservado. Pitões tem charme, tem nome no mercado. O potencial está cá, mas não o sabemos aproveitar suficientemente bem. Faltam ainda as infraestruturas qualificadas, que deviam existir.



Luis Filipe
Borges,
António
Raminhos
e Fernando
Alvim



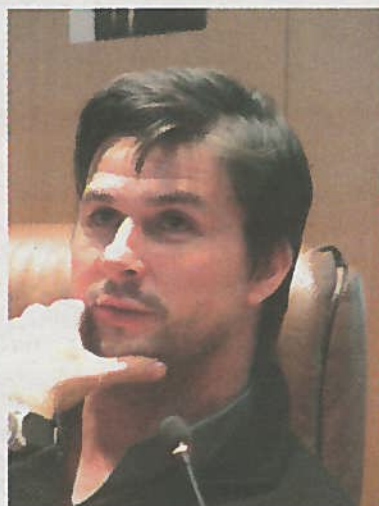
Sónia Araújo,
Jorge Gabriel
e Álvaro Costa

Hugo Sousa,
humorista

CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NO ISMAI



Vicente Jimenez
Diretor-adjunto
do jornal El País
no Forum
CONFIBERCOM



Atores do filme
"Balas e Bolinhos"

ATIVIDADES NACIONAIS E INTERNACIONAIS



Equipa do ÁGORA em Montalegre,
num intervalo da reportagem
sobre Pitões das Júnias

1.º Encontro
Internacional
de Folkcomunicação



Hernâni Carvalho
em debate sobre jornalismo de
investigação



Reportagem sobre o GYMAI

ESTUDOS PÓS-GRADUADOS

DOCTORAMENTO

- Psicologia - Especialidade de Psicologia Clínica

Instituto Universitário da Maia

MESTRADOS

- Ciências da Educação Física e Desporto
 - Especialização em Exercício Físico e Saúde
- Ciências da Educação Física e Desporto
 - Especialização em Treino Desportivo
- Criminologia

- Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário
- Gestão Estratégica de Recursos Humanos
- Gestão do Desporto
- Gestão de Empresas
- Marketing
- Psicologia Escolar e da Educação

- Psicologia Clínica e da Saúde
- Sistemas de Gestão da Qualidade
- Tecnologias da Informação, Comunicação e Multimédia
 - Ramos: Segurança e Privacidade; Telecomunicações; Produção Multimédia e Informática.
- Turismo, Património e Desenvolvimento

ISMAI

Ano Letivo
2014 | 2015

www.ismai.pt fb.com/ismai.pt youtube.com/ismaipt

CULTIVAR A CANTAR

Pitonenses é o nome com que se apelidam com orgulho: vivem e cantam a terra e o património

Andreia Novo

“Pitões das Júnias”, para uns pode parecer estranho, mas para outros esta foi a terra que os viu nascer, crescer e partir. Situada a cerca de 1200 metros de altitude, esta aldeia é considerada a capital do Parque Nacional da Peneda-Gerês, na região do Barroso. Sempre foi conhecida por ser terra de gente lutadora. A ser constantemente atacada pelas pilhagens e assaltos organizados pelos Castelhanos, estes “guerreiros” sempre se conseguiram defender e afastar todos aqueles que quisessem destruir o pouco que tinham.

E Pitões é um jardim,
Toda a gente diz assim
Ó que linda a nossa terra
E viva Pitões,
Cheio de flores
E viva Pitões
Onde tenho os meus amores.

Ser sustentável é ser amigo do ambiente e das pessoas que o criam, por isso ser aldeão é ser livre. No entanto, não é fácil viver nesta liberdade. Ana Moura não canta o fado, mas conta que “para se viver aqui tem que se gostar, depois quem gostar vive bem. Faça chuva, neve ou faça sol, temos que plantar e colher para comer. Agora com as máquinas é mais fácil, mas elas não trabalham sozinhas... não é?”

Hoje, com pouco mais de uma centena de habitantes, vivem tal qual uma grande família. António Fernandes, proprietário da “Casa do Preto” - um pequeno café onde muitos se encontram para conviver - confessou em conversa que para além de vizinhos são quase todos do mesmo sangue. “Somos quase todos primos e tios uns dos outros, crescemos aqui, casamos e ficamos. Na minha altura ir namorar longe não dava, era muito caro e também não havia meios”.

Rua abaixo, rua acima
Toda a gente me quer bem
Toda a gente me quer bem
Toda a gente me quer bem.

Por isso quando há festa, a diversão é imensa. Não há constrangimentos, nem confusões, todos trabalham para que tudo corra pelo melhor. No entanto, as festas já não são muitas. Antes os “bailes eram todos os domingos e havia muita gente. Hoje é mais raro, somos poucos e já somos velhotes” conclui António. As tradições vão-se perdendo, mas são já vários os séculos de vida, lugares com histórias para contar e canções que persistem em sobreviver. Cantam-nas na lavoura, nos bailes e passam de geração em geração.

Mocidade de Pitões
Vinde todos em geral,
Vinde com nossas canções
Alegremos Portugal.
E que a Senhora das Júnias
No convento do Mosteiro,
Nos converta por virtude
E a pureza até ao fim.

Acordam com o sol, deitam-se com as galinhas e é a cantarolar que muitos passam os seus dias. São os mais velhos que gostam de manter as tradições e, por isso, é que algumas delas ainda sobrevivem. Quando vão para o campo, quase sempre em grupo, aproveitam para cantar os motes que vêm aprendendo desde pequeninos com os pais e avós. A D. Clementina aprendeu muitos com a mãe e ainda hoje os canta enquanto conduz o gado. “Sabe, havia um rapaz que foi para o Ultramar, namorava cá uma rapariga e não havia correio. Na altura dizia-se que levavam o pombo de correio para terem comunicações um com o outro. E então esta era assim:

António que levaste para a guerra
Um pombinho correio encantador
Para mandar notícias lá para a terra
À sua querida amada Leonor.

Entre estas e muitas outras cantigas, esta pitonense de 86 anos, quase nem pestanejou enquanto as cantava no “tom mais afinado que alguma vez se ouviu” por aquelas ruas. Quando questionada se tinha aquilo escrito, para que pudesse mais tarde ler e passar às gerações vindouras, disse com franqueza: “não, estão gravadas na memória e é aqui que vão ficar”.

Todas as quadras que acompanham esta reportagem foram ouvidas pelas ruas. São estes versos que ajudam a contar as histórias desta terra. É nestas pessoas que mora a verdadeira autenticidade de Portugal, os nossos valores maiores, o ADN do nosso povo. É por isso que todos os fins-de-semana esta aldeia se enche de turistas, principalmente dos vizinhos Espanhóis que ficam mesmo ali ao lado. Regressar é a palavra de ordem para quem por aqui passa.

Pitões como tu não há igual
Tens um anjinho da guarda
À saída do lugar.

“Só vistas, a aspereza deste ermo e a pobreza do mosteiro desmantelado. Mas canta dia e noite, a correr encostado às fundações do velho cenóbio beneditino, um ribeiro lustral.”

Miguel Torga

(Pitões das Júnias, 8 de setembro de 1983)